



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE BACHAREL EM GEOGRAFIA

REBECA GADELHA

CARTOGRAFIA & MEMÓRIA: ANÁLISE GEOGRÁFICA DA OBRA
IRACEMA, DE JOSÉ DE ALENCAR

Fortaleza
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G12c Gadelha, Rebeca.
Cartografia & memória: análise geográfica da obra Iracema, de José de Alencar / Rebeca Gadelha. –
2018.
15 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,
Curso de Geografia, Fortaleza, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Iara Rafaela Gomes.

1. Cartografia. 2. Literatura. 3. Geografia. 4. Ensino. 5. Memória. I. Título.

CDD 910

REBECA GADELHA

CARTOGRAFIA & MEMÓRIA: ANÁLISE GEOGRÁFICA DA OBRA
IRACEMA, DE JOSÉ DE ALENCAR

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de
Artigo Científico como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Iara Rafaela Gomes.

Aprovada em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Iara Rafaela Gomes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira (Examinador)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante (Examinador)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Alexandre Queiroz Pereira (Examinador)
Universidade Federal do Ceará

CARTOGRAFIA & MEMÓRIA: ANÁLISE GEOGRÁFICA DA OBRA IRACEMA, DE JOSÉ DE ALENCAR

RESUMO

O projeto Abrindo Horizontes: O Espaço Geográfico na Literatura Clássica e Contemporânea tem por objetivo estimular o diálogo entre estas duas áreas do saber, incentivando, desde cedo, os alunos do curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará a ampliar o olhar geográfico para as diferentes representações de mundo. Entretanto, este projeto não se restringe ao Departamento, ao contrário, expande-se para as escolas de Ensino Médio, buscando formas de como a literatura pode ajudar na compreensão da disciplina de Geografia. Assim, este artigo buscou não apenas compreender as relações entre sujeito, tempo e espaço que se manifestam através do romance, mas também relatar as contribuições da obra Iracema para o ensino da disciplina de geografia na E. E. M. Liceu de Messejana durante o segundo semestre do ano de 2017.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia. Literatura. Geografia. Ensino. Memória

ABSTRACT

The project Opening Horizons: The Geographic Space in Classical and Contemporary Literature aims to stimulate the dialogue between these two areas of knowledge, encouraging, from an early age, the students of the Geography course of the Federal University of Ceará to widen the geographical view to the different representations of the world. However, this project is not restricted to the Department; instead, it expands to high schools, searching for ways in which literature can help in understanding the discipline of Geography. Thus, this article sought not only to understand the relations between subject, time and space that are manifested through the novel, but also to report the contributions of Iracema to the teaching of geography in the Liceu de Messejana EEM during the second half of the year 2017.

KEYWORDS: Cartography. Literature. Geography. Teaching. Memory

INTRODUÇÃO

Geografia e Literatura são duas áreas do saber que, apesar de aparentemente diferentes, são bastante próximas, seja pelo interesse na condição humana frente à adversidade da vida e do destino e/ou pela relevância do papel do espaço nas narrativas, sejam elas fictícias ou não. Assim, a proposta inicial do projeto de extensão “Abrindo Horizontes: o Espaço Geográfico na Literatura Clássica e Contemporânea” tem sido, para além de buscar incentivar a leitura crítica de obras literárias, trazer à tona as similaridades que permitem o diálogo mais fluido entre ambas as áreas e assim, buscar as contribuições, na literatura, para a pesquisa e aprendizagem na disciplina de Geografia.

Durante o segundo semestre do ano de 2017, em especial, o projeto realizou ações, no Liceu de Messejana, na cidade de Fortaleza (CE), escola parceira do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Tais ações contemplaram a análise geográfica da obra *Iracema*, de José de Alencar, evidenciando suas contribuições interdisciplinares que tratam tanto das heranças culturais da obra (objeto da geografia humanística e da história, por exemplo) quanto da análise das paisagens que pode ser entendido tanto pela geografia humanística quanto pela geografia física, o que abordaremos mais adiante.

Para apresentar como desenvolvemos as atividades mencionadas, organizamos este artigo em três partes, quais sejam, “Literatura e Cartografia como subsídio para o ensino de geografia: uma discussão sobre memória”, “Literatura e Geografia na obra de José de Alencar” e “*Iracema* e sua Geografia: das matas do Ipu para a sala de aula”. Na primeira parte trataremos das interseções que nos permitem a análise, bem como realizamos um resumo da obra, a fim de situar os leitores que não estão familiarizados com a mesma; na segunda, apresentamos uma breve discussão sobre o histórico das pesquisas geográficas em literatura, bem como tratamos do surgimento do projeto Geografia & Literatura e de sua relevância para subsidiar as pesquisas atinentes aos temas em questão.

LITERATURA E CARTOGRAFIA COMO SUBSÍDIO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE MEMÓRIA

A ideia do amor trágico não é nova na literatura: da *Ilíada* à *Anna Karenina*, do clássico *Romeu & Julieta* a *O Grande Gatsby*, de *Tristão e Isolda* a *Amor em Tempos do*

Cólera e Morro dos Ventos Uivantes, os desdobramentos (in)esperados deste sentimento, muitas vezes avassalador, tem fascinado autores e leitores no mundo inteiro, conquistado multidões e se tornado parte do imaginário coletivo ao ser (re)criado e (re)contado diversas vezes, como é o caso de *Romeu & Julieta*. Assim, não é de se estranhar que *Iracema*, de José de Alencar, também uma obra que trata da tragicidade do amor proibido, adquirisse novos contornos e se tornar parte do imaginário popular, ainda que regional, do estado do Ceará.

A obra, lançada em 1865, mescla história e ficção e se passa no começo do século XVII, com a chegada de Martim Soares Moreno às matas do Ipu, após se perder de seu amigo Poti, o índio pitiguara que com ele caçava. É nas matas verdejantes do Ipú que Martim encontra Iracema “a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira” (ALENCAR, 1983, p.6). O português a surpreende em sua sesta, fazendo com que esta acabe por lhe atirar uma flecha; mas a índia logo reconhece o engano e, em gesto simbólico, quebra com ele a flecha da paz e o leva à cabana de seu pai, Araquém, o pajé.

Desse encontro, do qual a flecha atirada aparece também como referência ao ato do travesso cupido, nasce o amor de Martim por Iracema e daí o que talvez seja uma das mais célebres histórias da terra dos verdes mares.

Ao narrar o romance, José de Alencar constrói o mito do nascimento de um povo, o cearense, relembra a ação dos colonizadores europeus e os conflitos destes com as tribos locais, dando espaço também aos conflitos territoriais entre as próprias tribos, notadamente os pitiguaras e os tabajaras. É com esta trama que Alencar também (re)cria a cartografia do estado do Ceará ao traçar os caminhos da índia e de seu amante, da distante Chapada da Ibiapaba ao Mucuripe, no litoral fortalezense - e de lá de volta à serra, desta vez Baturité - encurtando distâncias, unindo paisagens de contraste, numa cartografia subjetiva que trata de espaços simbólicos em uma outra leitura do mundo, a literária, do qual “se funde e se separa da ciência existente, conjuga-se com ela na intencionalidade de compreensão do mundo” (MOREIRA, 2007, p.144).

Esta forma de compreensão é tratada através da linguagem subjetiva do signo, é ao mesmo tempo, interpretação e representação do espaço que, embora não seja cientificamente precisa, no âmbito da cartografia, é verdadeira enquanto ficcional. Da mesma forma também pode ser entendida a persistência da imagem de Iracema, personagem ficcional, sempre a (re)lembrar a matriz indígena do povo cearense e as

influências destes povos na cultura local, assuntos que iremos abordar mais adiante neste trabalho.

Acreditamos também ser importante ressaltar que ao tratarmos da memória na obra alencarina, não nos referimos unicamente às crônicas históricas ou à tradição oral anteriormente mencionada, mas também acreditamos que a obra em questão converge com conceitos da geografia humanista que busca compreender o espaço através das experiências humanas.

LITERATURA E GEOGRAFIA NA OBRA DE JOSÉ DE ALENCAR

A abordagem geográfica de textos literários não é recente, autores como Suzuki (2017), Vilanova Neta (2004) e Lima (2000) a remetem ao século XIX, com a análise de diários de viajantes. Esses diários muitas vezes continham descrições detalhadas das paisagens de determinados lugares, com sua flora e fauna e, por vezes, também a descrição dos povos que as habitavam. Mais tarde, na primeira metade do século XX, mais precisamente na década de 1940, autores como Monbeig (1940) e Segismundo (1949) destacariam as semelhanças entre os cursos de Geografia e de Letras, devido as representações do real comuns nas obras literárias e nos textos geográficos, chegando, inclusive, a considerar a literatura como importante forma de auxílio à visualização e compreensão de fatos geográficos.

Porém, seria somente a partir da década de 1970, com a renovação metodológica da Geografia e a consolidação da Geografia Humanística Cultural, que a abordagem geográfica de textos literários se tornaria mais frequente - neste ponto, Lima (2000) cita as contribuições de Oliveira e Machado (1971) com o uso do poema “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto como forma de subsídio pedagógico para o ensino da disciplina. A proposta tratou mais especificamente sobre o ensino de conceitos como região e sobre as especificidades da região nordeste.

Sobre o trabalho, Oliveira e Machado (1971) *apud* Lima (2000) consideram que este “não esgotou todas as possibilidades, mas, sim, abriu as portas para uma nova visão da Geografia, em termos de didática” (p.19). De fato, mais tarde, Bastos (1998) também evidenciaria a importância da incorporação crítica de discursos como o da “Literatura” como “recurso de renovação metodológica para o ensino desta disciplina.” (p.1)

É à luz destes fatos, somados à iniciativa de incentivar a leitura de obras literárias pelos alunos do curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará, que tem origem o “embrião” do projeto, comumente conhecido como “Geografia e Literatura”, que inicialmente surge na forma de uma biblioteca compartilhada no Departamento de Geografia desta universidade¹. Posteriormente, este seria institucionalizado junto a Proreitoria de Extensão (PREX-UFC) sob o nome “Abrindo Horizontes: o Espaço Geográfico na Literatura Clássica e Contemporânea” ou simplesmente, Geografia e Literatura.

O projeto, como o próprio nome sugere, retoma o diálogo entre estas duas áreas do saber, procurando, na literatura, não apenas subsídios para o ensino da disciplina de Geografia, mas também a apreensão de algumas das várias faces da representação do real. Como projeto de extensão, o Geografia e Literatura transcende os muros da universidade e acaba por dialogar com diversas escolas da rede pública e privada, e, no ano de 2017 realizou um diálogo muito profícuo com o Liceu de Messejana², escola que, muitas vezes, acolheu vários projetos desenvolvidos pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)³.

Foi durante o ano de 2016, em especial, que o Liceu recebeu o próprio Pibid-Geografia(UFC) para desenvolver um trabalho relativo à comemoração dos 150 anos da obra *Iracema*, de José de Alencar, este “incentivou a leitura e desenvolveu habilidades para perceber os aspectos culturais da obra, interpretando-os conforme o contexto histórico-geográfico” (PIBID, 2016) e que mais tarde foi importante inspiração para nossa atividade junto aos alunos da escola no ano de 2017.

Aqui, cabe ressaltar alguns fatos importantes, ou, no mínimo, curiosos, tanto no que diz respeito à obra, quanto a escola: primeiramente, o Liceu localiza-se no bairro de Messejana, lugar que é também palco do romance alencarino e que, inclusive, possui, ainda hoje, uma estátua de Iracema na conhecida Lagoa da Messejana. De fato, ainda hoje nota-se nas paisagens fortalezenses resquícios da permanência do romance, que pode ser entendido como fábula de raiz folclórica ou mito de origem, como afirma Haroldo de Campos (1990) *apud* Camilo (2007).

Tais fatos podem ser ilustrados quando lembramos das estátuas de Iracema

¹ Destacamos que tal iniciativa, deu-se a partir da profa. Dra. Maria Florice Raposo Pereira, atualmente professora aposentada e colaboradora do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará.

² A E..E.E.M Liceu de Messejana foi criada no ano XXXX

³ O Pibid Geografia da Universidade Federal do Ceará inicia sua atuação junto ao Liceu de Messejana no ano de XXXX. Destacamos ainda que outros Pibids desenvolvem suas atividades no Liceu, tais como Letras e Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

localizadas: na praia de Iracema, a escultura do artista Zeon Barreto, chamada Iracema Guardiã; no Mucuripe, a estátua do artista Corbiniano Lins, que representa o momento da partida da família de Iracema; e, por fim, a própria estátua de Iracema presente na lagoa de Messejana, como mostra a fotografia a seguir:



Fonte: Ceará, 2016

A obra, também célebre por mesclar história e ficção e por ilustrar as diversas paisagens de contraste do Ceará, já era utilizada como livro paradidático pelo Liceu de Messejana, e, a luz destas considerações, o Projeto Geografia e Literatura optou por dar continuidade aos trabalhos já existentes na escola sobre o romance, usando-o como forma de ilustrar conceitos importantes para a Geografia, como disciplina e como ciência: como os conceitos de território, por exemplo, e de como este território (no caso específico de Iracema, serra e litoral) podem ou não afetar o modo de vida de seus habitantes (as tribos tabajara, que ocupavam as serras e os Pitiguaras, ou Potiguaras, que ocupavam o litoral).

Optou-se também pelo uso do que Moretti (2003) *apud* Vilanova Neta (2007) chama de “atlas literário” isto é, o uso do mapa como “veículo que favorece a visibilidade das relações entre geografia e literatura” (VILANOVA NETA, 2007); dessa forma, foram confeccionados mapas chamados “Caminhos de Iracema” que tiveram por base os trajetos descritos no romance. Estes mapas tinham por objetivo ilustrar para os alunos não apenas as distâncias reais percorridas e os contrastes entre as paisagens, mas também mostrar que, embora a dimensão geográfica possa ser verificada e compreendida no romance, esta adquire suas próprias formas e contornos, como elucida Bastos (1998):

Não se trata de verificar o grau de “exatidão espacial” nos escritos romanescos, mas sim de entender que o enfoque geográfico, inserido no romance, vai além de situar lugares fictícios ou reais em que se desenvolvem a ação e o comportamento dos personagens. Há que se buscar apreender o significado novo que brota do espaço a partir da

manipulação da palavra, ou melhor, do discurso que leva em conta os pontos de vista do autor e do leitor, segundo suas vivências e experiências, historicamente determinadas (p.11)

Sobre o caso específico do romance *Iracema*, destacou-se também o que Sartori (2013) chama de Cartografia Literária, isto é “Cartografia não apenas geográfica de informações objetivas, mas subjetiva, afetiva, ao que se somam as idas e vindas dos personagens, sempre moduladas pelos ritmos da memória e da imaginação do escritor.” (p.165)

Todos esses elementos ampararam nossa investida em compreender como a literatura pode subsidiar o ensino da Geografia. A seguir, trataremos, em especial, da obra *Iracema*, no intuito de estimular o seu estudo, apresentando um dos vieses geográficos que pode ser abordado a partir da obra alencarina.

IRACEMA E SUA GEOGRAFIA: DAS MATAS DO IPU PARA A SALA DE AULA

O romance *Iracema*, como dito anteriormente, (con)funde mito e história por meio da narrativa de José de Alencar, descrito por Helena (2000) como um movimento dialético que, simultaneamente, se afasta e se aproxima da realidade ao utilizar-se da figura histórica de Martim Soares Moreno entrelaçando-a com o lendário indígena. Entretanto, não nos coube separar fato e ficção em *Iracema*, o que nos interessou foi compreender as relações entre sujeito, tempo e espaço que se manifestam através do romance e como a obra pode contribuir e, como de fato esta contribuiu, para o ensino da disciplina de geografia.

Assim, retornamos a interpretação de Haroldo de Campos *apud* Camilo (2007) ao considerar *Iracema* como mito de fundação, não apenas do povo cearense, expresso na figura do filho de *Iracema* e Martim, Moacir - ou “filho da dor”, mas também um mito que celebra duas das três matrizes étnicas do povo brasileiro, a saber: a dos negros africanos, a dos índios americanos e dos lusitanos.

Embora seja relevante para compreensão de outras abordagens, esta interpretação é especialmente importante para a abordagem cultural da Geografia, uma vez que esta entende o universo das representações como:

um processo comunicacional do conhecimento, comportando vários

elementos como da reprodução, da relação, da percepção, da abstração, da imagem e do significado. Ela é ‘expressão do real’, resultante da interação de conhecimentos, emoções, imagens e práticas individuais e coletivas imbricadas por símbolos, os valores, as ideias e a visão do mundo. (ALMEIDA e OLANDA, 2008, p.22)

Para as autoras, a compreensão do conceito de representação colabora para a “investigação da imaterialidade presente no espaço romanesco” (p.22); espaço este que é, como citamos anteriormente, formado por cartografias subjetivas, conforme a visão de Sartori (2013) e que é, apesar do tempo decorrido desde sua publicação, “permanente enquanto se manifestarem vivas, por mercê da tradição cultural, suas fontes de inspiração e a ordem de valores que a identifica nas suas propriedades expressivas” (MONTENEGRO, 1965, p.17).

Desta forma, procurou-se ressaltar a permanência e “atualidade” do romance como mito e como forma de celebração das matrizes étnicas do povo brasileiro, notadamente, o cearense, buscando reafirmar a contribuição, principalmente indígena, para a cultura local. Contribuições estas que se fazem presentes nas mais diferentes esferas cotidianas: está presente na culinária, com a mandioca e, principalmente, a tapioca; está presente no lazer e no descanso, na rede e no andar descalço; está presente na linguagem, seja no nome das frutas (como o caju) e dos lugares (Meruoca, por exemplo); está na chamada medicina natural, nos chás de boldo e alfavaca.

Embora as contribuições do romance sejam diversas no que se refere a abordagem cultural, também é possível vê-lo sob a ótica da Geografia Física, por exemplo, ainda que, lembremos, o espaço e, principalmente, as escalas e distâncias sejam colocadas de maneira subjetivas pelo autor, como afirma Sartori (2013). Isto porque, ao falarmos do Ipú, de Viçosa, de Meruoca, do litoral de Fortaleza, das serras de Maranguape e Baturité, é possível também falar sobre a compartimentação geoambiental⁴ do Estado do Ceará, notadamente: Planalto da Ibiapaba, Maciços Residuais⁵ (Meruoca, Baturité) e Tabuleiros Costeiros (que compreendem grande parte dos municípios do Trairí, São Gonçalo do Amarante e Fortaleza). Os Planaltos e Maciços Residuais compreendem o que Souza e

⁴ Compartimentação Geoambiental é um instrumento de informação sobre os ecossistemas que leva em conta a análise de seus componentes geológicos, geomorfológicos, climatológicos e hidrológicos, considerando assim a pedologia e a vegetação local, bem como o uso da terra. A combinação destes elementos delimita o chamado geossistema e consolida uma importante estratégia de organização e desenvolvimento socioambiental.

⁵ Também conhecidos popularmente como “serras”, os maciços residuais compreendem dobramentos antigos já bastante desgastados pela ação da erosão diferencial; já os planaltos, compreendem superfícies elevadas e planas – ou com poucas ondulações, entalhada por vales, podendo sua origem ser sedimentar ou magmática.

Oliveira (2006) classificam como enclaves úmidos e sub-úmidos, isto é, “superfícies topograficamente elevadas de relevos serranos com dimensões variadas e que são submetidos às influências de mesoclimas de altitude” (p. 86).

Ainda segundo os autores, nestes cenários “o relevo tem sempre um papel decisivo através da altimetria e/ou da exposição. É esse componente que condiciona, basicamente, as características do mesoclima de altitude” (p.86). Sobre os tabuleiros costeiros, estes são superfícies planas instaladas sobre os sedimentos da formação barreiras, que ocorrem distribuídas em uma faixa paralela à linha da costa e penetram para o interior por dezenas de quilômetros. Todos esses elementos, foram e devem ser abordados em profundidade com os discentes da educação básica, de modo que o romance permita um caminhar muito mais suave por conteúdos, muitas vezes, introduzidos pela primeira vez a alguns estudantes.

Com base nisso, torna-se indispensável também, para a compreensão tanto do romance como da disciplina de geografia, a abordagem de conceitos como território, e como este conhecimento nos ajuda a entender como os territórios das tribos indígenas influenciavam seus modos de vida, mais notavelmente, por exemplo, o dos Tabajaras, que, no romance, eram os “senhores das serras”, que tinham por território o Planalto da Ibiapaba e os Potiguara, ou Pitiguara, chamados de “senhores dos litoral”.

É importante salientar, no entanto, a importância e a abrangência do conceito de território para o estudo da Geografia, este pode ser entendido segundo a geografia tradicional como “determinada porção da superfície terrestre que é apropriada e ocupada por um grupo humano, como um espaço concreto em si (com seus atributos naturais e sociais)” (CABRAL, 2007, p.151), por outro lado, para os geógrafos ditos críticos, este espaço apropriado contém as relações de poder dialéticas que se manifestam dentro desta sociedade ou das sociedades que as ocupam, estabelecendo-se a partir de conflitos e contradições.

Em Iracema, as relações dos índios com o território que ocupam ficam explícitas na fala do guerreiro Irapuã:

Tupã deu à grande nação tabajara toda esta terra. Nós guardamos as serras, donde manam os córregos, com os frescos ipus onde cresce a maniva e o algodão; e abandonamos ao bárbaro potiguara, comedor de camarão, as areias nuas do mar, com os secos tabuleiros sem água e sem florestas. Agora os pescadores da praia, sempre vencidos, deixam vir pelo mar a raça branca dos guerreiros de fogo, inimigos de Tupã. (ALENCAR,

A fala de Irapuã permite-nos, dentre as várias interpretações possíveis, entender as relações de domínio do território pelos índios e sua relação com ele: para os tabajaras, suas serras são um presente divino, abundante em recursos naturais que lhes permitem a sobrevivência e, para eles, é também seu dever sagrado proteger as terras dos pitiguaras e dos inimigos de Tupã, isto é, os colonizadores europeus. Ressaltamos que tanto território e espaço, no contexto do romance, expandem suas interpretações para além das análises geográficas e desempenham papéis próprios no romance como, por exemplo, na fala citada anteriormente, percebe-se como Irapuã usa a diferença entre os territórios para também diferenciar os dois povos, tabajaras e pitiguaras.

Para ajudar a compreensão dos estudantes e a melhor visualização das diferenças entre os territórios foram utilizados slides (Figura 1) com imagens dos locais, a localização dos mesmos, o papel que desempenhavam na narrativa, além de informações sobre a Geografia física dos lugares. Buscou-se também explorar como a paisagem, ou os elementos dela, apareciam na narrativa e eram utilizadas pelo autor como forma de demarcar territórios ou fornecer indícios sobre a localização dos personagens.



figura 01 - slides utilizados no projeto

Percebemos, ainda, a necessidade, baseado no estudo da obra em questão, de destacar o conceito de Lugar, que segundo a Geografia Humanista, adquire significado diferente do que trouxemos para Território, pois este “busca entender as relações do

homem com o meio vinculando experiência e meio, isto é, o espaço vivido mediado pelo lugar” (ALMEIDA e OLANDA, 2008, p.10), assim, o Lugar *per se* se origina a partir das experiências vividas pelos seres em um determinado espaço. Neste contexto, a literatura seria responsável por transcrever as “experiências concretas que o autor tem com os lugares, sendo vista assim como o resultado de percepção da qual o romance guardará vestígio.” (VILANOVA NETA, p.109, 2004).

Ora, a compreensão do espaço geográfico através das categorias citadas anteriormente - lugar e território - sob a ótica da geografia humanista está intrinsecamente ligada à memória e a identidade, tanto daquele que cria a narrativa (o autor) e assim também irá compor a identidade da criação (personagem, espaço) quanto daquele que a interpreta (leitor).

Sobre isto, Bastos (1998) afirma: “Existe uma relação entre produção e leitura e as significações se dão mediante o confronto da dimensão histórica do leitor com o autor” (p.3). É a partir da recriação das memórias aliada à minuciosa pesquisa que Alencar compõe o espaço de Iracema no qual, a semelhança de Os Sertões: Veredas, de Guimarães Rosa, “a flora, a topografia, a sonoridade dos rios não são mais que pontos de referência, signos da construção do espaço verdadeiro (MOREIRA, 2007, p.154) tal espaço verdadeiro emerge a partir da fusão do visível com o invisível da “integração dos opostos dialéticos no curso do qual os homens e a paisagens uns aos outros se transmutam” (ibid, p.154)

A fim de ilustrar isto e mostrá-lo de forma concisa para os discentes, utilizou-se ainda, como mencionado anteriormente, os “atlas literário”; tendo por base a narrativa do romance e informações adicionais descritas por Sartori (2013), confeccionamos os “Caminhos de Iracema”, e com eles, buscou-se mostrar, com a ajuda de ferramentas como o Google Maps, as reais distâncias percorridas pelos personagens da narrativa e o tempo que estes levariam para percorrê-las a pé. Estes recursos foram fundamentais para ilustrar para os alunos como a percepção do espaço pode ser subjetiva, bem como a dialética presente na narrativa no que se refere aos movimentos simultâneos de aproximação e afastamento da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço, objeto de estudo da Geografia, é também, por vezes, personagem de obras literárias, como se demonstrou em Iracema, de José de Alencar, onde este se

entrelaça com a cultura popular, e as paisagens cearenses para criar o mito da criação de uma nação e uma cartografia única, que mescla paisagens de contraste através da subjetividade da memória do autor e de sua narrativa poética.

Tal obra mostrou-se, deveras rica, tanto para o estudo da Geografia Humana quanto da Geografia Física, através do estudo dos conceitos que o compõem, tais como o de Território, Lugar e os que integram a Geografia Física, como o de Compartimentação Geoambiental, que trata diretamente do contraste entre as paisagens como as que compõem serra e litoral.

Entretanto, é importante ressaltar que, apesar de muito ter sido dito a respeito do romance, as contribuições deste não se exauriram, ao contrário: ampliaram-se, uma vez que a abordagem aqui relatada compreendeu apenas uma das visões que é possível lançar sobre a obra.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, V.M. **Estrutura do romance**. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

ALENCAR, José de. Iracema, Lenda do Ceará. ed.Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ALENCAR, José de. **Iracema**: (Lenda do Ceara) . Ed. fac-similar. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 1983. 220 p.

ALMEIDA, M. G. de e OLANDA, D. A. M. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, p 7-32, jul./dez. 2008.

ARAÚJO, Regina. Do Sertão aos Pampas. **Terra Brasilis**, [s.l.], n. 4-5, p.1-13, 1 jan. 2003. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/terrabrasilis.347>.

BASTOS, A.R.V.R. Espaço e literatura: algumas reflexões teóricas. In: **Espaço e Cultura**, n 5, jan/jun; 1998.

BORGES FILHO, Oziris. Espaço e Literatura: Introdução à Topoanálise. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2008, São Paulo. **Anais...** . São Paulo: Usp, 2008. p. 1 - 7. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf>. Acesso em: 05 maio 2018.

CABRAL, Luiz Otávio. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica*. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 41, n. 1, p.141-155, abr. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/15626/14158>>. Acesso em: 05 maio 2018.

CAMILO, Vagner. Mito e história em Iracema: a recepção crítica mais recente. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 78, p. 169-189, July 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000200014&lng=en&nrm=iso>. access on 20 Apr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000200014>.

COSTA, M. C. L. Entre trilhas urbanas: o bairro como lugar turístico. In: **Políticas de turismo**. Estratégias para a sustentabilidade. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008. p. 63-93.

COUTINHO, A. **Introdução à Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. Expansão Urbana e organização do espaço em Fortaleza. In: SILVA, J. B. et al. Ceará: **Um novo olhar Geográfico**. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha). 2ª e.d. ISBN. 978-85-7529-338-6

ECOLOGIA, Globo. **Influência da cultura indígena em nossa vida vai de nomes à medicina**. 2012. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globoecologia/noticia/2012/03/influencia-da-cultura-indigena-em-nossa-vida-vai-de-nomes-medicina.html>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

FEITOSA, M. M. M.I; MORAES, C. L. G. e COSTA, J.de J. S. O entrelaçamento de fios entre a geografia e a literatura: a construção de um saber múltiplo. Revista **NUPEM**, Campo Mourão, v. 4, n. 6, jan./jul. 2012.

FREITAS, Edmar. **Messejana**. Fortaleza: Coleção Pajeú, 2013. 72 p.

Helena, Lucia. "Alencar, o discurso fundador e os pactos da nacionalidade". Em: Reis, L. F. (org.). *Fronteiras do literário*. Niterói: EdUFF, 1997: 166.

LIMA, Solange Terezinha de. Geografia e Literatura: Alguns pontos sobre a percepção da paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p.7-33, dez. 2000.

MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B. (orgs.). Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: **EDUEL**, 2010.

MONTEIRO, C.A.F. O Mapa e a Trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Ed. **UFSC**, 2002.

MONTENEGRO, Braga. Iracema - Um Século. **Revista da Academia Cearense de Letras**, Fortaleza, v. 34, p.4-30, 1965. Disponível em: <http://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/revistas/1965/ACL_1965_02_Iracema_Um_Seculo_Braga_Montenegro.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2018.

NETA, Maria Amélia Vilanova. Decifrando o Espaço a Partir da Literatura. **Espaço & Cultura**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p.107-118, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/espacoecultura/article/view/7872/5696>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 203 p.

SANTOS, L. A. B. e OLIVEIRA, S. P. de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais**: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SILVA, J. B. Nas trilhas da cidade. 2. ed. Fortaleza: **Museu do Ceará**, 2005.

I COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E DO IV SEMINÁRIO ENSINAR GEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE, 1., 2018, Maceió. **A IMPORTÂNCIA DO USO DA LITERATURA NO ENSINO DE GEOGRAFIA**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2018. 12 p. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/educacaogeografica/article/view/4449/3174>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

SOUZA, M. J. N. **Contribuição ao Estudo das Unidades Morfo-estruturais do Estado do Ceará**. In: Revista de Geologia/UFC. Fortaleza, 1988.

SOUZA, M.J.N; OLIVEIRA, V.P.V.. **Os enclaves úmidos e sub-úmidos do semi-árido do Nordeste brasileiro**. Revista de Geografia da UFC – Mercator. Ano 5, número 09. 2006.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, v. 5, p.129-148, set. 2017. Disponível em: <<https://www.sescsp.org.br/files/artigo/e5e7f714/f8ed/443d/b048/0b3a58e284cc.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2018